

Vista de Lisboa, uns dias antes, a ideia era sedutora: acompanhar, *in loco* e ao vivo, o último dos guerrilheiros, numa rota de milhares de quilómetros que o levaria do seu *bunker* — a Jamba, no sul de Angola — até Luanda, cidade que a guerra lhe interditava há mais de quinze anos. No caminho, algumas etapas, Huambo, Lubango e Lobito, até à entrada de Jonas Savimbi e dos seus homens na capital angolana.

Aceitei, sem pensar duas vezes.

Voei para Joanesburgo uma noite de Setembro, sozinha e sem saber muito mais. Em Lisboa, o quartel-general da UNITA fora como sempre parco em detalhes e omissivo em informações. E, também como sempre, envolvera a deslocação de Savimbi — a primeira à luz do dia, desde o início da guerra, em 1975 — numa aura de mistério e de algum improvisado. Foi assim que estive mais de dois dias «sitiada» num hotel incaracterístico nos arredores de Joanesburgo, à espera de notícias que não vinham, de gente que não aparecia. Nos arredores, cruzava-me com semblantes fatigados e olhares impacientes: eram outros tantos companheiros de viagem, jornalistas italianos, alemães, norte-americanos, franceses, belgas, alguns deles correspondentes dos seus jornais (*Monde, News Week, Washington Post*) na capital sul-africana e que, como eu, para ali estavam, aguardando que alguma coisa acontecesse. Nenhum de nós sabia sequer se o nosso próximo destino seria a Jamba — conforme o vagamente combinado em Lisboa —, ou se este périplo de Savimbi se iniciaria pela porta da África do Sul.

Até que um dia, manhã cedo, um rapaz nativo e louro, surgiu, com uma carrinha: sem quase nunca lhe ouvirmos um som, e sem sabermos a mando de quem vinha, levou-nos para Lanceteria, um aeródromo ali perto. Novos conhecimentos — mais colegas estrangeiros —, nova espera, novo destino: desta feita, seria (afinal) o aeroporto de Joanesburgo. E aí, eis-nos perplexos, a percorrer as *coulisses* desertas deste aeroporto internacional, chefiados por um paisano com ar de entendido nestas travessias e por um indivíduo fardado. Subimos escadas, entrámos em elevadores, percorremos salas, atravessámos corredores, *le tout*, num ambiente vagamente suspeito de filme policial série B... Nunca ninguém se nos dirigiu a não ser praticamente por sinais, não mostrámos um único documento, não passámos a alfândega, e sobretudo, não obtivemos resposta a nenhuma pergunta. Isto é, saímos «clandestinos» de terra sul-africana, num regime de cumplicidade e facilidades que só comprovaram o que já se sabia: a África do Sul é, de há muito, uma das maiores amigas, senão a maior amiga, da UNITA...

No avião, mais surpresas — Savimbi já lá estava, acompanhado da sua delegação, uma vintena de pessoas —, e o aparelho, um *Fokker* com a parte dianteira transformada em duas confortáveis salas, era pertença de Boigny, Presidente da Costa do Marfim e amigo pessoal de longa data de Jonas Savimbi.

Um

Começava finalmente, ao fim de dois dias solitários e enfadonhos, uma grande aventura. E para mim, entre outras coisas, iniciava-se uma «recruta», em tudo igual àquela espécie de calvário a que são sujeitos, nos quartéis, os jovens imberbes que começam a vida militar... Mal sabia eu que as duas ou três tabletes de chocolate, os três litros de água e os dois pacotes de bolachas comprados por puro ócio, horas antes, no *snack* de Lanceteria —de par com um mísero frasquinho de café, trazido de Lisboa iam ser a minha salvação.

Mal sabia porque todos os «piores» estavam ainda para vir. Até aí tinha sido apenas o tédio, mas que diabo, havia naquele hotel impessoal de Joanesburgo água a jorros nas torneiras, comida com fartura, toalhas e lençóis no quarto, luz nos interruptores, elevadores que subiam e desciam...

Uma emoção a meio caminho entre a nostalgia e a excitação, veio num ímpeto ter comigo quando se abriu a porta do avião e pisámos a terra acre dó Huambo, sob uma atmosfera pesada de humidade e um ar viscoso. África outra vez, Angola de novo... e de novo esta estranha e tão forte sensação de que, noutra encarnação, algures no tempo, algo de mim poderia ter passado por estas terras imensas e quentes.

Ao fundo, fanfarras, bandeiras, multidões ululantes vestindo *T-shirts* com o rosto de Savimbi, faixas coloridas a verde e vermelho — as cores da UNITA —, gritos, música, palavras de ordem. E depois, sob uma chuvada tropical, o comício. Colada aos inúmeros «seguranças» que por sua vez se grudavam ao líder da UNITA, tentei assim fugir da intempérie, sob o modesto pano de lona que cobria o improvisado palanque, onde se abrigava o estado-maior unitense. Mas foi encharcada até aos ossos que, no meio de indescritível confusão — «oficialmente», a UNITA saía pela primeira vez da Jamba! — com a segurança a exceder-se, a tensão a extravasar de todos os corpos, o medo no ar e a desconfiança a trair todos os gestos, consegui entrar, horas depois, no Hotel Excelsior. Hotel? Excelsior, ainda para mais?

A recruta começava...

Dois

Numa rua esventrada, cruzada pela multidão do fim do dia, o esgoto a correr pelo que restava do passeio, ficava o Hotel Excelsior. Seis andares sem elevador, sem água nos canos, sem electricidade, envoltos num cheiro nauseabundo, e percorridos nas escadas e no chão por pequenos animais não identificados. Por detrás de um balcão escuro havia por vezes dois ou três negros, indolentes e desinteressados perante a nossa sorte, que nos olharam sempre de soslaio por integrarmos a delegação da UNITA.

O meu quarto ficava, oh infortúnio, no tal sexto andar sem elevador e, ao lado, havia uma espécie de pocilga, vulgo casa de banho, onde todo o

odor de quinze anos sem saneamento básico, de sujidade e de falta de higiene mínima se concentravam... A banheira, negra, estava semi-cheia de uma água verde escura que havia de durar os três dias da nossa estadia. Nenhuma porta dispunha de fecho, o único móvel existente no quarto tinha os buracos dantes ocupados por três gavetas, as cortinas estavam esfarrapadas mas havia, felizmente, todos os vidros nas janelas... O que não era geral: nem no hotel nem em quase nenhum dos edifícios desta (ou doutras) ruas do Huambo.

E então, a partir daí, foi como vestir outra pele, ou adoptar uma segunda natureza: suspirei fundo, ri, e comecei a racionar tudo o que tinha (desde a água até à roupa) à espera de melhores dias... Cá em baixo, no rés-do-chão, numa ampla casa de jantar (que conservava alguns resquícios de eras coloniais na forma como se enfeitava o guardanapo ou no ritual do serviço de mesa), viveram-se melhores momentos: uma tijela de sopa de legumes — cuja fervura obrigatória esconjurava o meu pânico de doenças e infecções —, libertava-me de olhar sequer para um peixe suspeito ou uma carne não identificada...

Quanto ao mais, era o trabalho diário de reportagem tendo por pano de fundo a descoberta de uma cidade dizimada pela guerra, de uma população descrente de melhores dias, de casas destruídas, de veículos a que faltavam uma das rodas, uma porta ou uma peça, de gente descalça, de crianças subnutridas, e seminuas, de mulheres com baldes de água à cabeça. Daquela mancha de gente, anónima e abandonada, para quem a visita de Jonas Savimbi pouco poderia dizer ou acrescentar. Não que não acoressem, que não o quisessem ver ou ouvir. Mas eram olhares e gestos distantes de quem já sofreu tudo...

A cidade foi assim e foi isto. À despedida, uma certeza: será necessário muito ano e muito esforço para que o Caminho de Ferro de Benguela — cujas instalações visitámos, sob sol escaldante —, volte a passar pelos carris; não há rasto nem vislumbre do rico «celeiro» de Angola, como eram conhecidas estas paragens da província do Huíla... Solos férteis que davam de comer a meia Angola, terras de gado, de milho, e de trigo... Hoje, desse passado de abundância, sobra uma terra estéril, e alguns sinais insólitos como aquele Palácio do Povo (ex-Palácio do Governador), com o seu perfil minhoto, a sua bela cantaria, a telha portuguesa, que nos espreita, quase envergonhado, por entre árvores doentes... Como saído da memória dos tempos, como um sinal do que resta da tradicional emigração de gentes do Minho para estas terras da antiga Nova Lisboa que hoje se chama Huambo.

Três

Os voos no *Fokker* de Houphouet Boigny eram entretanto como uma espécie de bálsamo nestes dias intranquilos: como o avião ia sempre «dormir» a Pretória (invocavam-se razões de segurança), um dos «hospedeiros», condoído certamente perante o nosso ar de fome e de

sede, enchia o aparelho, na capital sul-africana, antes de cada nova etapa, de bolachas, águas minerais e suculentos sumos de laranja... Era afinal a certeza de uma sobrevivência... vitaminada! Lubango, segunda etapa da *tournee*, foi como a pausa bem-vinda (e inesperada) numa maré de dificuldades: o aeroporto estava pintado de fresco e de branco, o céu muito azul cobria canteiros de flores e a vegetação, farta, era matizada de mil verdes.

Depois de Jonas Savimbi ser cumprimentado por uma poetiza negra de vestido branco e luvas brancas, que se acercou da passadeira vermelha colocada sobre a pista (a passadeira viajava sempre connosco...), e ao melhor estilo colonial lhe ofereceu uma prenda numa bandeja de prata, partimos rumo à cidade, desta vez no automóvel do senhor Rodrigues, um cidadão luso que vive por estas bandas há... quarenta e seis anos. E tem bons motivos segundo ele: num raio de muitas centenas de quilómetros, o senhor Rodrigues foi e continua a ser o único fabricante de pão e no Lubango, por exemplo, todas as padarias lhe pertencem. Nunca arredou pé, viu a guerra por dentro e por fora, viveu tudo, não esqueceu nada, conhece toda a gente. Como bom amigo da UNITA, pôs o seu restaurante, o Huíla-Pão, à disposição de Savimbi e foi assim que nos alimentámos de coisas já mais parecidas (mas só parecidas...) com comida e bebida. Nunca saberemos se a pensão onde nos instalaram também pertence ao senhor Rodrigues (nunca saberemos porque misteriosamente nunca mais o voltaremos a ver), mas a pensão parece nova, os quartos cheiram a cera, e em cada esquina das paredes está impresso e afixado o horário da... água, que obviamente nunca será cumprido... Mas que importa se ele simboliza afinal a existência, mesmo que intermitente, mesmo que impontual, do precioso líquido que sentimos finalmente escorrer pelos restos do suor do Huambo, do odor do Huambo, do ar viscoso do Huambo!

Lubango — ex-Sá da Bandeira—, não conheceu a guerra, a cidade foi poupada, Lopo do Nascimento foi aqui governador e aqui ensaiou os primeiros passos no caminho de uma economia mista, a atmosfera é distendida, a população parece mais activa... E nas ruas encontramos restos de Portugal quando olhamos letreiros que dizem «Cervejaria Coimbra» ou «Frutaria Luisinha».

Mas Lubango seria também a descoberta do complexo da Senhora do Monte —perto do estádio do mesmo nome, onde ocorreu o comício da UNITA—, um conjunto de boas instalações onde decorrem reuniões sindicais, culturais, feiras económicas, as festas anuais da Senhora do Monte, encontros políticos, etc., num sinal de alguma energia e actividade.

Para Savimbi, o regresso seria encorajador: cada acto da sua repleta agenda política foi já seguido por multidões curiosas e atentas, avistou-se com quem quis, tinha pela primeira vez a recebê-lo no aeroporto um representante local do governo do MPLA, e a cidade devolveu-lhe a memória de outros tempos: «Fui aqui estudante há trinta e três anos, não

esqueço o meu terrível professor de Física, já hoje voltei ao meu liceu...» Um desses encontros do Lubango sentou frente a frente e *em tête-à-tête*, Jonas Savimbi e a Irmã Lúcia Maria de Jesus. Durante três longas horas, a religiosa, de 52 anos, fez ao líder da UNITA o relato —terrível relato—, das suas três prisões nas cadeias do MPLA. Savimbi ouviu-a «com o cuidado e a atenção com que se ouvem testemunhas e fontes como esta, tomou notas, emocionou-se. Mas memorável ficou também um outro encontro com centenas de estudantes, quadros, professores, etc., onde explicou, contou, recordou, divulgou, pediu, apelou, esclareceu.

E como fazia todas as noites, sem sono e sem cansaço, deixou também ali aos jornalistas, a marca e o registo — brilhante e poliglota —, das suas impressões pessoais e políticas.

Diante dos nossos olhos fascinados, das nossas canetas e dos nossos gravadores, objectivas e microfones, das parabólicas e das câmaras de filmar, a raposa astuta ia a pouco e pouco mudando de pele e de natureza: era cada dia mais forçoso que o general deixasse para trás o resistente, que o combatente das matas e da guerrilha fosse agora capaz de exhibir o político. De expor o homem que já só aspira ao tabuleiro político, onde aí se pretende de igual para igual com o seu adversário, onde o mede, observa e perscruta, e onde está já pronto, palmo a palmo, para o confronto com ele e com a sua vontade de vencer este duelo por uma mesma pátria.

Quatro

No Lobito, de novo os vestígios da guerra, a desolação, um passado envolto em sombras e ruínas.

Por toda a cidade o mesmo cenário, ou quase, do Huambo: estradas desfeitas, casas destruídas, buracos, edifícios a cair, esgotos a céu aberto, gente descalça.

Como foi penoso rever agora desta maneira abrupta o Lobito, cidade de recordações e memórias, lugar onde duas décadas antes eu estivera com aquela despreocupação quase selvagem de quem viveu antes da revolução, e antes de todas as guerras... Restava-me, naquela tarde ruidosa onde o ar se encheu dos sons da multidão que se concentrou ao longo de vinte quilómetros de palmeiras, para aclamar Savimbi, restava-me apenas isso mesmo: a memória de horas doces escorrendo por entre a espuma do mar ali mesmo em frente... A lembrança de dias, lentos, longos, preguiçosos, na areia da restinga a perder de vista, nas águas claras da baía, sob as árvores ligeiramente encurvadas da praia do Grande Hotel...

Tudo aqui parecia um (mau) *remake* de algo já vivido: como no Huambo, o hotel estava decrépito, o cheiro era em todo o lado absolutamente insuportável, não havia água nem elevador, a luz durava até o gerador durar, e a alimentação não era sequer digna desse nome. Os meus modestos víveres haviam entrado em contagem perigosamente

decrecente. Nunca saiu, durante mais de quarenta e oito horas, uma gota de água que fosse de uma torneira, de um jarro ou de uma garrafa; galgámos muitos andares a pé, convivemos com bichos — insectos ou rastejantes —, inquietantemente desconhecidos... e fomos forçados a vestir a mesmíssima roupa: sem água e com a roupa limpa acabada... o que fazer?

E como uma desgraça nunca vem só, a segunda desgraça chegou para mim, com o pior dos rostos: a impossibilidade — total! — de enviar o texto para Lisboa.

No Huambo fora das duas vezes uma tragédia, mas as folhas de papel, mal dactilografadas em telexes moribundos, lá tinham seguido para o destino.

No Lubango, uma alma caridosa «emprestara-me» uma máquina de escrever, mas a súbita partida da comitiva da UNITA para o Lobito inviabilizara a possibilidade de enviar o texto daquela cidade.

(Registe-se, a propósito, que o «circo» da UNITA, além de sempre misterioso, nunca conheceu horas nem horários: assim como há gente que não fuma, por exemplo, estes senhores não usam horas... O que teve como consequência que vivêssemos doze dias, em verdadeiro *suspense*, numa lufa-lufa contínua, extenuante, sempre com a bagagem pronta e connosco, não fosse o diabo tecê-las e as coisas, já de si difíceis, passarem a trágicas... Que seria de tudo isto sem (ao menos) os nossos pobres haveres... mesmo que imundos?).

Eis-me então no Lobito, com um texto na mão, os correios fechados — era fim-de-semana —, e vontade de chorar. Corri as ruas como uma louca à procura de algum patriota que estivesse nesse sábado de manhã a trabalhar nos locais da sua empresa. Encontrei um que era afinal português de gema, a viver no Lobito há mais de quarenta anos. Emprestou-me o telex para picar a fita. O coração começou-me a dar sinais de vida. Entretanto actualizara *já* o texto, compondo-o com as impressões da chegada ao Lobito e da saída do Lubango. Parecia que tudo corria bem mas... não: o telex foi abaixo, e é aí que ouço a voz plácida do amigo luso, a ecoar, diante do meu rosto ansioso: «Eu logo vi, o telex anda-me assim há mais de cinco meses...» Cinco minutos depois, emitindo sinais exteriores de grande aflição, entro de rompante e sem bater à porta, pelo quarto — no Grande Hotel do Lobito—, do Brigadeiro Fuma Daniel, um rapaz negro, gentil e habilitado, responsável, no estado-maior da UNITA, pelas comunicações. Digo-lhe, em voz rouca e a gesticular, ao que venho. Empréstame um super-computador onde terei que rescrever o texto que vai já longuíssimo, com tantas actualizações: quanto mais o tempo passava, mais eu acrescentava linhas... A meio da passagem do texto para o computador, regista-se uma avaria no circuito eléctrico da cidade e voltamos, o texto, o rapaz amável e eu, à estaca zero. Estamos quase em cima da hora do fecho da edição do *Público* e vergonha das vergonhas, há dois dias que não consigo enviar nada para Lisboa!... Convenço-o a deixar-me usar o seu privadíssimo telefone, que funciona por satélite e

nunca falha. Ele deixa. Ligo para o jornal, explico tudo, dou o número *que* é secretíssimo, vocífero que me chamem logo a seguir. Dez minutos depois, nada. Volto a ligar: a secretária, de Lisboa, explica-me que na Marconi — o número só podia ser concedido via Marconi — lhe respondiam que aqueles específicos Algarismos correspondiam a um número de telefone de um barco e como tal não conseguiam a ligação!

Depois de tão grandes males, deito mão a todos os grandes remédios: texto acabou por ser ditado, durante doze longuíssimos minutos, através do tal delicado e privado telefone da UNITA, onde cada minuto de comunicação orça em mais de cem dólares. Calcula-se o preço a que terá ficado o maldito texto para os cofres da UNITA mas o meu estado psíquico impedia-me de *me* importar com qualquer espécie de aritmética. De resto, foi ver — e viver — diariamente, o que era a cruz do «envio do serviço» de qualquer dos vinte jornalistas que seguiam nesta *tournee*: gritos, lágrimas, ranger de dentes, ameaças, veladas umas, descaradas outras; suores frios e quentes, notas de dólares brandidas diante de olhos redondos de pânico ou de cobiça, pugilatos e pancadas quase em vias de facto. Houve de tudo, até ao desespero neste Lobito, à beira-mar, por entre palmeiras, a espuma das ondas, e o sol dos dias.

Perante tudo isto, Luanda, o seu pó, a sua atmosfera pesada, o seu ar sujo, a sua bela baía poluída, os seus machibombos semiavariados, os seus veículos de pneus carecas e sem travões, os seus edifícios decadentes, os seus buracos, os seus dois milhões de habitantes numa área pensada para menos de metade, os seus muceques que hoje quase atingem o centro da cidade, pareceram-me Nova Iorque! Só porque havia água corrente no meu hotel, e luz, e elevador, e a roupa lavada, e uma televisão e telefone e, e, e... E *last but not least* consegui (apesar da luta titânica, no Centro de Imprensa da capital, por um único fax, uma única linha telefónica para o exterior, um único telex e meia dúzia apenas de máquinas de escrever) mandar textos a tempo e a horas do fecho do jornal.

É claro que o Hotel Tivoli, onde me instalei, fruto da colaboração amiga do António Monteiro, tem gerador privativo, depósito de água, boa mesa, excelente serviço, e é em tudo auto-suficiente. Isto é, a sorte sorria-me outra vez! Cá fora, na noite quente de Luanda, não havia luz — uma parte da cidade estava totalmente às escuras —, mas que importância tinha isso se a cerveja escorria (morna) pelas esplanadas da ponta da Ilha, se as águas lisas da baía pareciam de prata, se a noite se viveu até de madrugada? O ambiente era de frenesim e de excitação, a cidade estava entrecortada de rumores e de sombras, dizia-se já muito mal e muito bem de Savimbi pelas ruas, a burguesia (amedrontada) e os intelectuais (desdenhosos), discutiam com paixão o discurso polemicamente panafricano de Savimbi, feito horas antes num estádio da cidade, perante sessenta mil pessoas em festa...

Em Luanda, nessa noite, refazia-se o mundo. E no *Pandemónio* — a mais *envoutante* bote local —, corpos suados de brancos e negros, entregaram-se à dança com excesso e volúpia, como se vivessem a derradeira hora.

Também para os homens da UNITA, esquecidos já destes ambientes e solicitações, o regresso durou até ser dia. E até ser dia festejaram a triunfal —e imediatamente controversa —, entrada na capital angolana, caíram nos braços de parentes e amigos que não viam há anos, choraram, gritaram, embebedaram-se.

De longe, e a bom recato, o arguto Savimbi olhava para tudo isto com aquele olhar sábio e adivinho de quem conhece tudo e tudo espera, sobretudo, piores dias: não avisara ele, por mais de uma vez, que um dos seus problemas maiores era a adaptação dos seus homens às regras da cidade — passadas que foram as quase duas décadas de outras leis e outras guerras no verde das matas e nos horizontes sem fronteiras da selva do sul de Angola?

Dezembro 1991